

nota de conjuntura



Indagações de um blogueiro neófito perdido no meio do tiroteio dos leitores

Maurício Stycer

Cerca de sessenta minutos depois do encerramento do GP Brasil de Fórmula 1, no domingo, dia 2 de novembro de 2008, às 17h34, publiquei um comentário no meu blog sobre a maneira como Galvão Bueno, narrador da Rede Globo, transmitiu a corrida¹. Por volta das 17h50, quinze minutos depois de publicado no blog, o texto mereceu uma pequena chamada no alto da homepage do iG, um dos maiores portais da internet brasileira, na qual se destacava o título que eu havia dado para o comentário, mas com ironia ainda maior no complemento da frase do narrador que eu sublinhara. Em vez do “hã?!” que eu havia acrescentado no final do título (*Galvão: “O Brasil é Vettel desde criancinha”*. *Hã?!*), o redator responsável pela capa do portal escreveu: “Como é que é?”

Para facilitar a compreensão do leitor, reproduzo o texto, tal como publicado inicialmente:

Galvão Bueno até que estava se saindo bem, torcendo por Felipe Massa e secando Lewis Hamilton dentro dos limites recomendados pela boa educação e o fair play. Até que na volta 68, a três do final, o alemão Sebastian Vettel colou em Hamilton e, se o ultrapassasse, deixaria o britânico em sexto, dando o título para o brasileiro. “O Brasil corre com Vettel, agora”, avisou Galvão, dando início ao seu show.

“Vai Vettel! Vai Vettel! Vai Vettel”, empurrou Galvão na volta 69, pouco antes da ultrapassagem. “Segura Vettel! Segura Vettel!”, suplicou em seguida. Na penúltima volta, dirigiu junto com o alemão, de maneira a evitar que ele passasse por cima da zebra, o que poderia ocasionar uma derrapagem. “Não, Vettel, por cima da zebra não”. E depois anunciou a todos nós, brasileiros, que assistíamos a corrida: “O Brasil é Vettel desde criancinha”.

Galvão, porém, se esqueceu que o alemão Timo Glock só estava em terceiro, ajudando Massa a ser campeão, porque não fez uma última parada para troca de pneus e corria com equipamento para pista seca no momento em que chovia no autódromo. Uma tática ousada, quase suicida.

Assim, a euforia de Galvão deu lugar à frustração quando o “brasileiro” Vettel e Hamilton ultrapassaram Glock a 500 metros do fim da corrida – garantindo o título mundial ao piloto britânico. Restou ao narrador

confortar Massa, em nome de todos nós, brasileiros: “Estamos agradecendo a você, Felipe, por tudo que você fez”. Ainda disse: “Que grande piloto nós temos e o nome dele é Felipe Massa”. E concluiu: “Felipe Massa do Brasil. Valeu, filho. Comemore. Hoje você é um grande piloto.” Mas quem foi mesmo campeão?

Às 18h10, alertado pelo comentário de um leitor, fiz uma pequena modificação, e acrescentei um registro, ao pé do texto, informando que ele havia sido alterado.

Obs: Corrigido às 18h13. Glock estava em quarto, não em terceiro, como escrevi originalmente. Obrigado ao leitor que me chamou a atenção.

O destaque para o texto permaneceu na homepage do iG por mais de seis horas. Na manhã do dia 3, o blog contabilizava quase 1.600 comentários de leitores. Passei algumas horas lendo todos. Excluí cerca de 80 que usavam palavrões para me ofender ou para ofender Galvão Bueno, Felipe Massa e Lewis Hamilton. Também excluí mais de uma dezena de comentários de cunho racista, que evocavam de forma pejorativa o fato de Hamilton ser negro.

No final da manhã de segunda-feira, dia 3 de novembro, publiquei um novo post no esforço de esclarecer algo que, na minha visão, muitos leitores não haviam compreendido no primeiro comentário. O texto² dizia o seguinte:

O leitor que assina Martinelli pergunta: “Poxa, Stycer, você é a favor ou contra um brasileiro torcer por outro?” Acho que está aí, nesta indagação irritada, mas educada, a chave para compreender o meu comentário de ontem à tarde, depois de assistir a transmissão do GP Brasil de F-1 pela televisão. Não tenho nada contra um brasileiro torcer por outro, muito pelo contrário. Entendo perfeitamente – e respeito – todos os leitores que escreveram para dizer que, como Galvão Bueno, estavam torcendo por Massa e secando Hamilton. Mas acho que todo cidadão tem o direito de torcer – ou não torcer – por quem quiser. Critiquei o fato de a narração tentar transformar a transmissão de uma corrida numa disputa de todo um povo contra um piloto de outra nacionalidade, ou de uma pátria contra outras. Não vejo uma prova de F-1 dessa forma – até porque os pilotos representam fabricantes de carros, frequentemente de nacionalidades diferentes das suas. E, não à toa, ao final da corrida, executa-se o hino do país do piloto vencedor bem como do país do construtor do carro.

Aproveito para esclarecer que aceito todo tipo de críticas ao meu trabalho, menos ofensas pessoais. O mesmo vale para comentários

sobre pessoas citadas. Por esse motivo, exclui uma centena de comentários agressivos, com palavrões, ou mensagens de cunho racista. Peço desculpas caso algum tenha passado, e agradeço ser alertado quando isso ocorrer.

Este segundo texto, igualmente destacado na homepage do iG, mas em posição inferior na página, provocou novas reações dos leitores, alimentando o blog com cerca de 300 comentários. No sábado seguinte, dia 8, a frase de Galvão (“O Brasil é Vettel desde criancinha”) foi mais uma vez destacada na homepage, desta vez dentro da seção “Frases da semana”, voltando a provocar comentários no blog. O total de manifestações no primeiro texto chegou, então, a 1.597. Considerando os comentários excluídos por mim, os dois textos, escritos num intervalo de 16 horas, geraram cerca de 2.000 comentários.

Depois de 22 anos dedicado a trabalhos em jornais e revistas, em agosto de 2008 comecei a fazer reportagens para o iG e dei início a um blog, hospedado no portal. As observações a seguir, escritas a quente, ainda sob o impacto da reação dos leitores ao comentário sobre Galvão Bueno, expressam mais inquietações do que conclusões sobre este mundo novo.

1. A internet não altera alguns procedimentos jornalísticos. O mais importante deles, o trabalho do repórter, segue obedecendo à mesma boa técnica que se ensina nas faculdades de jornalismo e se recomenda a qualquer jornalista, em qualquer meio.

2. O editor, tal como o conhecemos nos jornais e nas revistas, tem papel idêntico num portal da internet. Cabe a ele avaliar a pauta, aprovar a sua realização, ou não, julgar a importância de cada matéria, decidir se ela merece destaque ou não na capa (primeira página) e qual tipo de destaque.

3. As principais novidades, ligadas ao fazer jornalístico, dizem respeito à instantaneidade e à interatividade que o meio proporciona.

4. Do ponto de vista da audiência, a medição é permanente, como na televisão. Há ferramentas que permitem aos editores saber quantas pessoas estão acessando determinado texto a cada minuto.

5. Do ponto de vista do conteúdo, um texto na internet é um *work in progress* enquanto houver alguém interessado em lê-lo. O autor, o editor e qualquer leitor, em diferentes níveis, têm o poder de modificar o texto, a qualquer momento.

6. Cometi um erro de informação no primeiro texto sobre Galvão Bueno, ou seja, uma falha no procedimento jornalístico, ao dizer que Timo Glock estava em

terceiro lugar na corrida. Ele estava em quarto. Quantos leitores perceberam o erro? Quantos perceberam e não falaram nada? Um leitor notificou o blog cerca de 30 minutos depois de o texto ter sido publicado. Pesquisei e confirmei que havia errado. Corrigi a informação e registrei o fato no pé do texto.

7. Quanto tempo essa informação demoraria para ser corrigida num jornal? E numa revista? Seria corrigida?

8. Ao registrar no próprio texto que corrigi a informação, no fundo, ainda penso com a cabeça de um jornalista de jornal ou revista. Por trás da errata na mídia impressa, há uma dupla ambição: alertar os leitores que não perceberam o erro no texto original e deixar registrado para a história a verdade factual. Algum desses dois propósitos faz sentido na internet? Não bastaria, simplesmente, corrigir o erro?

9. Ao registrar o meu erro, no fundo, manifestei a esperança que algum leitor voltasse a ler um texto que já havia lido e se informasse corretamente. E, ainda, como não sou especializado em automobilismo, pude demonstrar não ter vergonha do erro que cometi. Ou seja, a internet me proporcionou uma exibição de (falsa) humildade que eu não teria condições de mostrar em outro meio.

10. O leitor que chamou a atenção do blog para o erro sobre Timo Glock agiu como um editor. Por que ele fez isso? O que ele ganhou com o seu gesto? Entramos aqui num terreno pantanoso: o que move um leitor a se manifestar sobre um texto na internet? Se você espera respostas precisas para esta questão até o final deste texto, pode abandoná-lo. Vou arriscar algumas pistas, mas, no fundo, não faço idéia.

11. No meu blog, assim como em todos os blogs do iG, há uma foto do autor acima de um breve currículo³. O leitor que me lê sabe com quem está falando. Ou melhor, é levado a achar que sabe com quem está falando. E, em conseqüência, faz, na sua cabeça, a idéia que quiser a esse respeito. Um dos comentários ao texto sobre Galvão Bueno, assinado por Fera, diz o seguinte: “Dê uma observada na foto deste jornalista, cara de cachaceiro, pingaiada, e ainda torce para inglês. E o Botafogo do Rio, vai procurar o A.A. para se curar, mané.

12. Incluí no blog um e-mail, caso o leitor queria se comunicar diretamente comigo, mas não ser lido pelos demais leitores. É mais um canal de comunicação, uma forma de receber sugestões e informações – como qualquer jornalista de jornal ou revista tem.

13. Menos comum que em jornais e revistas, leitores têm usado o e-mail também para enviar críticas e elogios. Quase sempre respondo, agradecendo. Não faço o mesmo quando o comentário é feito de forma pública, na área de comentários do blog. Por quê? Não sei.

14. Uma leitora, depois de vários comentários publicados no blog e alguns e-mails, com elogios aos meus textos, enviou-me um e-mail dizendo que sofria muito porque “ainda existe muito preconceito contra mulheres bonitas e, ao mesmo tempo, inteligentes”. Na mesma mensagem, ela perguntou se eu poderia incluí-la no meu MSN, ao que eu respondi que usava o MSN apenas para fins profissionais – e nunca mais vi o seu nome nos comentários do blog ou no e-mail.

15. Repito a pergunta: o que leva o leitor a se manifestar na área de comentários de um blog ou sobre uma reportagem? É sobre essa questão que eu tenho mais pensado no exercício desta nova etapa profissional. Seguem algumas constatações.

16. Ler um texto na internet e, em seguida, clicar em cima da palavra “comentar” é infinitamente mais fácil do que, depois de ler um texto em jornal ou revista ou assistir uma reportagem na televisão, escrever uma carta ou um e-mail para a redação. Dito de outra forma: escrever uma carta, mesmo que motivada por emoção forte, é um gesto que exige muito mais racionalidade do que, com a facilidade de um clique apenas, enviar uma mensagem para um blog.

17. Jornais e revistas não publicam mensagens de leitores anônimos, nem assinadas com pseudônimos. As cartas devem ser enviadas com identificação completa. Na dúvida, o responsável pela seção de cartas procura o autor da mensagem para se certificar que ela não é apócrifa.

18. A maioria dos sites na internet aceita mensagens de leitores anônimos.

19. A instantaneidade somada à facilidade oferece ao leitor a possibilidade de, digamos assim, assinar o texto “junto” com o autor da matéria. O leitor, vamos imaginar isso, sente-se co-autor do texto. Será?

20. Na verdade, ele é tão co-autor quanto quem consegue publicar uma carta num jornal ou numa revista, mas os filtros entre o leitor e as publicações de mídia impressa são muito maiores. Além de rejeitar os anônimos, há uma limitação de espaço em jornais e revistas que não existe na internet.

21. A bem da verdade, existe um filtro também na internet. O autor de um blog tem o poder, como disse antes, de excluir os comentários que quiser. Também dispõe de uma ferramenta que condiciona a publicação de cada comentário a uma autorização prévia sua. A maioria dos blogueiros, porém, prefere autorizar a livre publicação de comentários e, depois de publicados, excluir os indesejados.

22. Nas primeiras semanas de blog, acionei a ferramenta que me dava o poder de autorizar cada comentário. Mas acabei me sentindo escravo do blog. A cada dez minutos eu ia olhar se havia algum comentário aguardado a minha autorização para ser publicado. Liberei, então, os comentários. Conheço blogueiros que percorreram o cami-

nho inverso. Começaram com o blog aberto a todos os comentários, mas se viram obrigados a fechar a torneira devido ao baixo nível e agressividade das mensagens enviadas.

23. Podemos chamar de co-autor do texto o leitor que se identifica como Brasileiro de coração e escreve: “Pega essa tua matéria lixo e de mau gosto e vai morar na Inglaterra, mané. Tô cagando e andando pro Galvão e pra você, zé roela, o que eu queria ver essa o Massa campeão”?

24. Acho que Brasileiro de coração manifesta uma opinião válida, ao dizer que única coisa que lhe importava era ver Felipe Massa campeão, independentemente da narração de Galvão Bueno e, conseqüentemente, da minha opinião sobre o narrador. Mas a forma que ele encontrou para expressar essa opinião jamais seria aceita por uma revista ou um jornal de prestígio, ou mesmo por um programa de televisão que entrevistasse pessoas na rua, o chamado “povo fala”. Por que é aceita na internet?

25. Um tipo de comentário que sempre aparece no blog, e me intriga, pelo tipo de autoritarismo embutido, é o do leitor que, no lugar de me criticar diretamente, dirige-se ao meu empregador, o iG, questionando-o pelo meu trabalho. Como esta frase do Luiz: “Me admira o iG disponibilizar um link em sua home para um texto tão ruim!”. Ou de Nuno: “O pior é o iG dar espaço para um texto idiota como esse”. Ou este, de Ana, que vai direto ao ponto que outros apenas sugeriram: “iG demita esse Mauricio é péssimo, esse foi o primeiro e ultimo texto que li dele”.

26. Durante as eleições, os comentários de leitores em textos meus que mencionaram Marta Suplicy, Gilberto Kassab e Fernando Gabeira me deixaram com sérias dúvidas a respeito desta relação de “co-autoria” com os internautas. Não vou nem falar das ofensas e baixarias enviadas, mas da sensação que muitos leitores navegavam pela internet em busca de espaços onde publicar suas opiniões a respeito do cenário político, independentemente do que eu havia escrito. Em outras palavras, a área de comentários tornou-se uma espécie de mural para manifestação de opiniões, mas não de discussão de idéias e, muito menos, de debate sobre o texto do jornalista.

27. O leitor quer falar. Mas com quem?

28. Alguns leitores enxergaram no meu texto sobre Galvão Bueno uma artimanha para atrair audiência para o blog, ou para o iG. Como Sergio, que escreveu: “ehehe, parece que o sr. mauricio de tal conseguiu seu minuto de fama, aumentou em segundos a freqüência de sua coluna, tacada de mestre devo confessar. Quem sabe se continuar assim talvez um dia alguém venha a saber e até sabe-se lá conhecer o Sr. Mauricio de tal.”

29. Não ignoro que a internet, como jornais, revistas e emissoras de tevê, funcione guiada, entre outros fatores, pela lógica da audiência. Não é possível

deixar de imaginar que um dos grandes trunfos da internet, na luta contra outros meios de comunicação, seja justamente a interatividade que promete – e cumpre – na relação com a sua clientela. A possibilidade de o leitor falar, comentar, ser co-autor de uma reportagem é algo que a natureza do meio autoriza – e os seus concorrentes, em outras mídias, se esforçam para imitar, até agora sem o mesmo sucesso.

30. Com um pé na “democratização” e outro no populismo, a internet está criando uma revolução ou um monstro ao oferecer ao leitor a sensação de “faça você mesmo” a notícia?

31. Aguardo comentários.

NOTAS

1 Galvão: “O Brasil é Vettel desde criancinha”. Hã?! Publicado em 2 de novembro de 2008 no endereço eletrônico <http://colunistas.ig.com.br/mauriciostycer/2008/11/02/galvao-%e2%80%9co-brasil-e-vettel-desde-criancinha%e2%80%9d-ha/>. Os horários do post, bem como dos comentários dos leitores, não registram que naquela ocasião estávamos, em São Paulo, em período de horário de verão. Portanto, uma hora à frente dos horários indicados no endereço eletrônico.

2 Sobre torcida, patriotismo e comentário dos leitores. Publicado em 3 de novembro de 2008, no endereço eletrônico <http://colunistas.ig.com.br/mauriciostycer/2008/11/03/sobre-torcida-patriotismo-e-comentarios-dos-leitores/>

MAURICIO STYCER é repórter especial do IG. Jornalista desde 1986, começou no Jornal do Brasil, passou pelo Estadão, ficou dez anos na Folha (onde foi editor, repórter especial e correspondente internacional), participou das equipes que criaram o Lance! e a Época, foi redator-chefe da CartaCapital e diretor editorial da Glamurama Editora. É carioca, mora há 22 anos em São Paulo e nunca deixou de sofrer pelo Botafogo.